

Os médicos tentam mais uma arma

O método que, provavelmente, os médicos da equipe que atende Tancredo Neves passaram a utilizar a partir da tarde de ontem, para forçar a maior oxigenação do sangue, chama-se super-peep, ou super positive end expiratory pressure (pressão expiratória final positiva), segundo um especialista em Unidades de Terapia Intensiva. Com isso, eles conseguiram elevar a pressão do oxigênio em seu sistema arterial de 30 para 70 milímetros de mercúrio. O primeiro índice, de acordo com os médicos, fatalmente levaria o presidente ao estado de coma e à morte, pela falta de oxigenação de seus órgãos vitais.

A técnica consiste em impor ao paciente uma pressão contrária à sua expiração, para evitar que os alvéolos consigam se fechar completamente quando o ar sai dos pulmões. "Os alvéolos — relatou o médico — são como pequenas bolas de gás. Quando o ar sai, a tendência é que eles se colem. Assim, torna-se mais difícil e lenta a entrada de uma nova porção de oxigênio."

"Impondo uma pressão em sentido contrário, os alvéolos permanecem expandidos. Com isso, o oxigênio permanece mais tempo no pulmão e aumenta o tempo para que se faça a troca do oxigênio com o gás carbônico, que chega às células hemáceas do sangue."

A feep normal já vinha sendo utilizado com o presidente eleito Tancredo Neves. Ele aplica sobre a expiração uma pressão que varia de 5 a 15 centímetros de água (a pressão exercida por uma coluna de água com 5 ou 15 centímetros de altura). "É praticamente certo que o feep era utilizado — comentou o especialista — porque quando a necessidade de oxigênio passa a atingir um nível crítico, acima de 70%, os médicos buscam, de imediato, uma forma de melhorar a oxigenação do sangue, e essa forma é o feep".

O super-peep agora empregado aumenta essa pressão para 25 ou 30 centímetros de água, o que obriga os alvéolos a manterem-se ainda mais abertos, e o oxigênio a permanecer mais tempo dentro dos pulmões.

Ao anunciar essa medida de emergência, o porra-voz Antônio Britto disse que os médicos sabem que há implicações negativas para o organismo, mas não especificou quais são. O especialista em UTI, contudo, disse que "a principal dificuldade é que, com o pulmão expandido, não sobra espaço suficiente, dentro do tórax, para os batimentos cardíacos. O coração, assim pressionado, altera seus batimentos, o que acaba repercutindo na pressão, rabaixando-o".

Ele adiantou, também, que o tratamento de emergência agora aplicado não tem nenhum efeito sobre os órgãos já atingidos pela falência provada pela toxemia, como os rins e os pulmões do presidente Tancredo Neves.